

## LIBERDADE POLÍTICA

**Sulami Pereira Britto**

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Já falamos, em outra ocasião, que a liberdade é característica do Ser-no-Mundo. Ontologicamente, portanto, ela aparece na gênese do Ser que se pro-jeta para o mundo. Esse pro-jetar-se não se dá ao acaso, mas através da intencionalidade da consciência, que por sua vez obedece a uma necessidade: a auto-realização do Ser-pessoa.

Porém, a liberdade convive no Ser com a contradição. Por mais livre que seja no seu des-velar existencial, alberga ele essa dualidade conflitiva.

Imaginemos o Ser como um alienado, semelhante a esses que pensam estar atuando no contexto político-educacional por vontade própria, mas na verdade, estão sendo manipulados por forças veladas e disfarçadas. Um Ser desprovido de uma consciência crítica, fechado em si mesmo que aparenta uma atuação engajada, mas na verdade, não passa de uma postura festiva e pouco fundamentada. No seu interior ocorre o clamor da consciência alienada que se lança para o exterior de forma intempestiva e desordenada.

A imobilidade existencial do alienado é completa: interior e exteriormente ele é submisso, passivo, subserviente, é objeto.

O Ser consciente e crítico pode ser representado por um ponto no espaço, que num primeiro momento parece "imóvel". Entretanto vai desvelando num espiral, tal qual a semente que "imóvel" na terra, vai-se projetando para o espaço e se tornando a árvore frondosa. Assim se dá com o Ser-no-mundo. Ele é livre, porque está consciente de seu compromisso no vivenciar intersubjetivo e desvelador de sua realidade interior-exterior.

O desvelamento representa o rompimento desta realidade, de sua "pessoalidade" e, conseqüentemente, da liberdade de Ser.

A liberdade existencial constitui a volta superior, larga e equilibrada do espiral, em que o Ser, por assim dizer, desliza em sua verdadeira existência. A espiral é, pois, ascendente, não voltando jamais ao ponto de partida, mas girando sempre em torno do mesmo eixo: a existência, pois toda espiral ontológica, só pode ser existencial.

O ser vivencia a existência experiencialmente. Assim, a busca da liberdade é o próprio estar-no-mundo em suas variadas formas existenciais. O poeta Rainer Maria Rilke exemplifica esta experiência:

Vivo a minha vida em círculos concêntricos  
que se elevam sobre as coisas.  
Não terminarei provavelmente o último,  
mas o tentarei.  
Giro em torno a Deus, torre secular,  
e giro por milênios;  
entretanto não sei, sou um falcão,  
uma tormenta ou uma imensa melodia ?

Para Rilke, o eixo da espiral, é o próprio Deus. Mas este eixo não é Deus, e sim a existência, pois Deus está acima de nós mesmos, dos nossos giros, do nosso experienciar, no fim da espiral. Quando Rilke afirma: "Não terminarei provavelmente o último, mas tentarei", descreve em dois versos o conflito entre a decisão e a dúvida do Ser-no-mundo, na sua busca constante de liberdade.

O des-velar da liberdade, visualizada ontologicamente é um caminhar que vai da dúvida à vivência experiencial. Todo o Ser participa dessa experiência imensa, realizando-se, buscando a liberdade no compromisso de ser-com...

Pode-se ter, assim, uma visão pessoal da espiral existencial como a de Rilke, que se assemelha ao "vôo do falcão em torno da torre", na busca da experiência melodiosa da intersubjetividade compromissada e livre que leva ao encontro do Ser-político.